



## RESENHA

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5ª edição.  
São Paulo: Cortez, 2008.

**Uilmer Rodrigues Xavier da Cruz** – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) –  
Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil  
uilmer@ufmg.br ou uilmer\_rodrigues@hotmail.com

Boaventura de Souza Santos é formado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra em 1963 e filosofia do direito em Berlim. Dois anos após trabalhou como assistente da Faculdade de Direito de Coimbra e, em 1960, doutorou na Universidade de Yale, com a tese intitulada *Direito dos Oprimidos*, Almedina, que se tornou um marco na sociologia do direito e teve como trabalho de campo a observação participante em uma favela do Rio de Janeiro. O autor foi um dos fundadores da Faculdade de Economia de Coimbra em 1973 e foi um dos principais impulsionadores do Fórum Social Mundial. Atualmente, Boaventura de Sousa Santos é professor catedrático jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, *Distinguished Legal Scholar* da Faculdade de Direito da Universidade de Wisconsin-Madison e *Global Legal Scholar* da Universidade de Warwick. É também diretor do Centro de Estudos Sociais e Coordenador Científico do Observatório Permanente da Justiça Portuguesa - ambos da Universidade de Coimbra. Foi fundador e diretor do Centro de documentação 25 de Abril entre 1985 e 2011.

Poeta e ganhador de muitos prêmios e honrarias, também trata de assuntos pertinentes à educação, sociologia e direito. Possui trabalhos publicados sobre globalização, sociologia do direito, epistemologia, democracia e direitos humanos e os seus trabalhos encontram-se traduzidos em espanhol, inglês, italiano, francês e alemão.

O texto, publicado originalmente em 1987, se constrói em quatro partes principais, discutindo a ciência moderna e o presente, o paradigma dominante, a crise do paradigma dominante e por fim e o paradigma emergente, tratando de um tipo de colapso na identidade das ciências no final do século XX.

O autor traz uma reflexão acerca do o “paradigma dominante” em que surge e emerge ao longo dos séculos XVI e XIX no âmbito das ciências naturais. No século XIX,

---

estende-se às “ciências sociais emergentes”, cuja particularidade é negar a racionalidade de outras formas de conhecimento, como o conhecimento do senso comum e das humanidades, não se opondo a outras maneiras de autoridade, afirma os dualismos “ciência / senso comum” e “homem / natureza”; assume a matemática como basilar, o que implica ideias de que conhecer é quantificar, em que trabalha conceitos de exclusão e aspectos qualitativos, dividir e classificar; reflete sobre “como” se dá o funcionamento das coisas, relacionados do “quem” e “pra que”; ao passo que questiona o “determinismo mecanicista”, como um horizonte cognitivo mais adequado aos interesses da burguesia, representada pela igreja e um de seus pilares.

A legitimação do modelo mecanicista pelas ciências sociais aconteceu em duas vertentes. A primeira como aplicação do mesmo modelo teórico das ciências naturais às sociais e a segunda vertente compreende que a ação humana é muito subjetiva e que, por isso, não pode ser descrita ou explicada a partir de características externas e exigindo com que as ciências sociais utilizem métodos qualitativos.

O autor vê o paradigma da ciência moderna, hegemônico, como um paradigma em crise, em que atribui os seguintes motivos:

1- Relatividade da simultaneidade de Einstein: inexistindo “simultaneidade universal, o tempo e o espaço absolutos de Newton deixam de existir”.

2- Mecânica quântica –baseada no princípio da incerteza de Heisenberg e na teoria de Bohr, demonstrando que não é possível observar ou medir um objeto sem interferir nele, citando como exemplo o gato de Schödinger.

3- Questiona a rigidez matemática, na teoria de Gödel, questiona a rigidez matemática, ressaltando que ela não possui uma linguagem para provar tudo.

4- Avanço do conhecimento nas áreas da microfísica, química e biologia durante a segunda metade do século XX – com a quebra do modelo newtoniano, a “nova concepção da matéria e da natureza” que ultrapassam a física clássica.

O sociólogo português propõe mudanças teóricas na maneira de pesquisar: “Em vez da eternidade, a história; em vez do determinismo, a imprevisibilidade; em vez do mecanicismo, a interpenetração, a espontaneidade e a auto-organização; em vez da reversibilidade, a irreversibilidade e a evolução; em vez da ordem, a desordem; em vez da necessidade, a criatividade e o acidente.”

O autor sugere modelo emergente, que é construído sobre um paradigma científico de conhecimento criterioso e um paradigma social de uma vida sucinta, utilizando quatro

---

princípios para firmar seu modelo: 1º- todo conhecimento científico-natural e um conhecimento científico-social, 2º- todo conhecimento se denomina local e total, 3º- todo conhecimento pode se dizer que é um autoconhecimento e por fim 4º- todo conhecimento científico se constrói a partir de um senso comum.

O texto nos leva a problematizar o tema proposto, expondo que a ciência ganhou em rigor, mas perdeu em capacidade de autorregulação diante do fenômeno da industrialização da ciência. Com sólidos conhecimentos sociológicos, o autor empenha-se em apresentar clara e detalhadamente as circunstâncias e características das deficiências da ciência, levando-nos a compreender determinadas carências, bem como a descobrir uma nova maneira de ver o que já havia sido visto.

É uma leitura que exige conhecimentos prévios para ser entendida, além de releituras e pesquisas quanto a conceitos e contextos apresentados, uma vez que as conclusões emergem a partir uma análise profunda dos acontecimentos históricos e sociais que influenciaram as ciências. Com estilo claro e objetivo, o autor traz esclarecimentos sobre a pesquisa qualitativa, impulsionando a reflexão crítica.

O texto tem por objetivo trazer um diálogo com estudantes universitários, pesquisadores, cientistas e profissionais da área para que os mesmos possam refletir, pesquisar, discutir ou se posicionar criticamente sobre o assunto abordado.

### **Agradecimento**

À FAPEMIG pela concessão de bolsa de pesquisa.

---

**Uilmer Rodrigues Xavier da Cruz** - Professor / Pesquisador - Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Bolsista de doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) (2020). Mestre em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) (2019), Graduação em Geografia - Ênfase em Sistemas de Informações Geográficas pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) (2008).

---

Recebido para publicação em 29 de março de 2019.

Aceito para publicação em 27 de julho de 2020.

Publicado em 27 de julho de 2020.